



**PACTO
CONTRA
A FOME**

Boletim Mensal

**Monitoramento da
Inflação dos alimentos
no Brasil**

Junho de 2025

 /Pacto Contra a Fome

 /Pacto Contra a Fome

 @pactocontrafome

 pactocontrafome.org



Introdução

Este material é um esforço do Pacto Contra a Fome em monitorar a inflação alimentar no cotidiano das famílias brasileiras, com o objetivo de **promover debates** e fomentar uma agenda de políticas públicas e ações da sociedade civil que **asseguem o direito humano à alimentação adequada (DHAA)**.

Contexto

O cenário macroeconômico global no mês de maio apresentou desdobramentos relevantes, com impactos diretos e indiretos sobre os preços dos alimentos. A trégua parcial na guerra comercial entre Estados Unidos e China, que reduziu temporariamente tarifas recíprocas, contribuiu para a melhora no humor dos mercados e diminuiu o risco imediato de uma recessão global. No entanto, os efeitos da nova política tarifária norte-americana ainda não foram plenamente absorvidos pela cadeia produtiva global, e há incertezas sobre o redirecionamento de fluxos comerciais, sobretudo na pauta agrícola.

No Brasil, a economia segue trajetória de desaceleração gradual após um primeiro trimestre impulsionado pelo setor agropecuário e pelo mercado de trabalho ainda aquecido. Deve-se considerar, no entanto, uma desaceleração futura alinhada ao aperto monetário vigente.

Esse ambiente de desaceleração moderada, combinado à queda recente nos preços dos combustíveis e à valorização cambial, já começa a repercutir nos índices de inflação. O IPCA de maio apontou taxas menores frente ao mês anterior, especialmente entre os itens voláteis e os bens industriais, enquanto os serviços ainda resistem à desinflação.

Para os alimentos, os sinais são ambíguos: embora a produção agrícola tenha se mantido robusta, choques climáticos regionais e pressões sobre as carnes ainda geram volatilidade nos preços ao consumidor.

Do ponto de vista da política monetária, o Banco Central mantém a taxa Selic em um alto patamar, mas sem sinalização para cortes diante da persistência inflacionária e das expectativas ainda desancoradas de inflação. A taxa de câmbio, por sua vez, mostra trajetória de valorização do real em relação ao dólar se aproximando de R\$5,60 diante dos bons resultados da Balança Comercial, do enfraquecimento global da moeda norte-americana e da perspectiva de



acomodação da política monetária americana apenas no fim do ano.

Esse real mais forte pode atuar como vetor de alívio sobre os preços de commodities agrícolas importadas. A depender da intensidade da transmissão cambial e das dinâmicas internas de oferta, isso pode abrir espaço para algum recuo nos preços dos alimentos, no curto a médio prazo.

Já a valorização do real somada à reorganização de fluxos comerciais pode beneficiar o consumidor brasileiro, atenuando parte da inflação alimentar que, até aqui, tem pressionado com mais intensidade as camadas mais pobres da população.

Diante desse contexto, a inflação de alimentos, embora ainda elevada, pode encontrar algum alívio nos próximos meses, mas permanece como ponto de atenção prioritário, especialmente pelos seus efeitos distributivos.

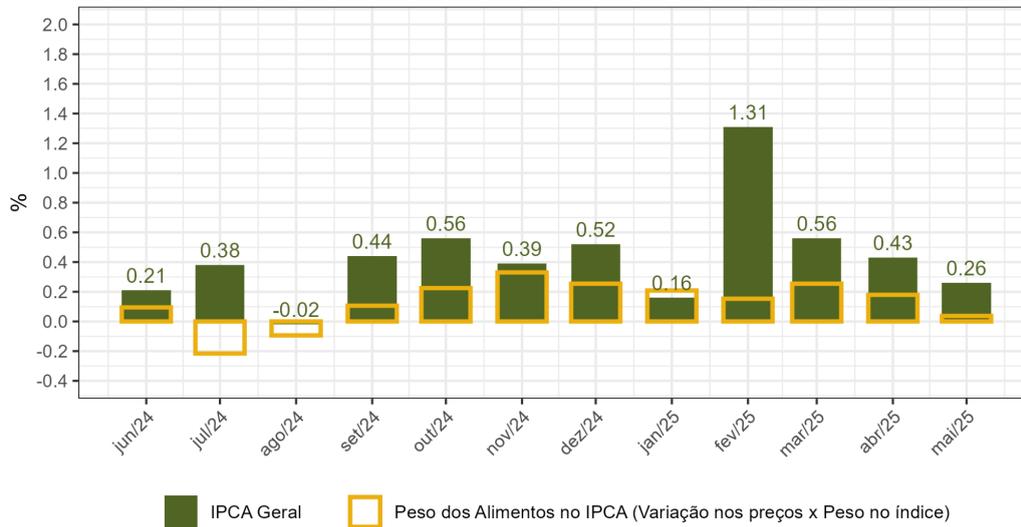
Resultados

A **desaceleração do IPCA em maio para 0,26%**, com queda de 0,17 ponto percentual em relação a abril, sinaliza uma **moderação conjuntural dos preços ao consumidor**, puxada principalmente pelos recuos nos grupos de Transportes (-0,37%) e aumento moderado em Alimentação e Bebidas (+0,17%).

No acumulado de 12 meses, a inflação ficou em 5,32%, abaixo dos 5,53% registrados em abril, mas mantendo-se acima da meta do Banco Central. **Essa trajetória, embora positiva, não deve ser interpretada como alívio uniforme sobre os orçamentos familiares.**

Em alimentos, a desaceleração se concentrou na alimentação no domicílio (0,02%), com contribuições expressivas de queda por parte de tomate (-13,52%), arroz (-4,00%) e ovo de galinha (-3,98%). Ainda assim, itens de peso na cesta e de importância nutricional, como a batata-inglesa (+10,34%), a cebola (+10,28%) e o café moído (+4,59%), pressionaram o índice. A alimentação fora do domicílio seguiu em alta (0,58%).

IPCA Geral e Contribuição de Alimentos no IPCA (%)



Essa composição da inflação revela uma transição importante: **o alívio nos alimentos tem ocorrido justamente no momento em que outros grupos de consumo obrigatório avançam.** O grupo Habitação, por exemplo, acelerou para 1,19%, impulsionado pelo reajuste da energia elétrica residencial (+3,62%), maior impacto individual no mês, da ordem de 0,18 p.p. Já o grupo Saúde e cuidados pessoais também mantêm ritmo elevado (+0,54%) com o impacto de 0,07 p.p., refletindo o reajuste autorizado nos medicamentos e os aumentos em planos de saúde.

O ponto crítico é que, diferentemente da alimentação, essas despesas são incomprimíveis, pois não há possibilidade de substituir ou reduzir. O aluguel, a conta de luz e o plano de saúde não admitem negociação direta, sobretudo para as famílias de baixa renda. Diante disso, o espaço de ajuste do orçamento recai sobre a alimentação, exatamente o item que, além de essencial, é mais flexível do ponto de vista do consumo.

A mensagem de maio, portanto, é clara. A inflação está desacelerando, mas a composição dessa desaceleração importa. **Quando os itens incomprimíveis crescem acima da média, a pressão recai sobre a escolha alimentar,** colocando em risco a qualidade da alimentação e da saúde da população mais vulnerável.

- **Alimentos que pressionaram a inflação**

Alimentos	Variação no preço do alimento (%)	Peso do alimento na cesta total do consumidor (%)	Contribuição do item no IPCA (Var x Peso) - em p.p.
Café moído	4,59	0,65	0,03
Batata-inglesa	10,34	0,19	0,02
Cebola	10,28	0,13	0,01
Carnes	0,97	0,21	0,01

Café: De acordo com dados do Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada (Cepea/ESALQ/USP), com o avanço da colheita da safra brasileira de 2025/26, os preços do café pagos ao produtor registraram queda significativa para as duas variedades ao longo do mês de maio. O café robusta registrou redução acumulada de preços de 18% e o arábica de 11%. O valor médio do preço pago ao produtor brasileiro das duas variedades já registra queda de quase 14% entre fevereiro e maio, no entanto, os preços ao consumidor ainda seguem pressionados.

Apesar dessa queda dos preços ao produtor, que teve início em março e ganhou força em maio com o avanço da colheita nas principais regiões produtoras no país, os preços ao consumidor ainda seguem em alta, com um acumulado de 82% em 12 meses.

Um fator que pode estar limitando a queda dos preços ao consumidor no Brasil, além do aumento dos custos logísticos e industriais, é a **forte valorização dos preços do café no mercado internacional diante de uma oferta mundial ainda restrita**. Os preços atuais cotados em dólar estão em um patamar 50% superior àqueles verificados em 2022, e entre janeiro e abril deste ano, por exemplo, os preços de exportação subiram quase 80%.

Batata-inglesa: Os preços da batata inglesa seguem em alta, tanto no atacado quanto no varejo. O aumento dos preços ao consumidor (IPCA) ainda pode estar refletindo a forte alta de mais de 50% dos preços no atacado no mês de abril. Contudo, ainda houve alta de quase 10% em maio (segundo levantamentos do Cepea no atacado e nas beneficiadoras).

Nas próximas semanas os preços devem continuar altos por conta do período de transição entre safras e das chuvas nas regiões produtoras. Segundo a CONAB, a safra que está sendo colhida atualmente no Paraná deverá ser menor que as previsões. No acumulado de 12 meses, o item está 28% mais barato, mas ainda há espaço para aumento.

Cebola: Durante o mês de maio os preços da cebola subiram 10,28%, tanto em resposta à baixa oferta nacional quanto à dificuldade de importação do produto. **Os preços ao produtor brasileiro aumentaram em 5%, valor médio do mês de maio de todas as regiões produtoras.** No entanto, para as próximas semanas a oferta da cebola nacional deve aumentar com a entrada das safras do Nordeste, Cerrado e São Paulo, ajudando a conter o aumento dos preços ao consumidor. Esse é outro item que, no acumulado de 12 meses, ainda está 43% mais barato.

Carnes: Com relação ao preço das carnes (0,97%), os preços seguem em alta em função de uma arroba negociada a valores 30% superiores aos patamares de 2022 e 2023, e no mercado externo, há crescimento da demanda pelo frango inteiro. Apesar das ameaças trazidas pela identificação de um foco de gripe aviária no Sul do Brasil, as exportações de frango continuam em alta (1,25%).

- **Alimentos que contiveram a inflação**

Alimentos	Varição no preço do alimento (%)	Peso do alimento na cesta total do consumidor (%)	Contribuição do item no IPCA (Var x Peso) - em p.p
Tomate	-13,52	0,33	-0,05
Arroz	-4,00	0,66	-0,03
Ovo de galinha	-3,98	0,31	-0,01
Leite longa vida	-0,89	0,77	-0,01

Tomate: Com a intensificação da safra de inverno nas regiões produtoras, os preços do tomate se mantiveram em queda no mês de maio. **As condições mais amenas de temperatura nas últimas semanas levaram a boa produtividade dos frutos e o aumento da oferta fez com que os preços ficassem mais baixos no atacado,** conforme levantamento do Cepea. Com isso, os preços ao consumidor já mostram redução de 13,52%, conforme IPCA-tomate divulgado pelo IBGE. O fim da temporada de chuvas no Sudeste também explica a redução nos preços de outras hortaliças, como a alface e a cenoura.

Arroz: Os preços do arroz se mantiveram em queda no mês de maio. A redução acumulada no ano dos preços do item ao produtor do Rio Grande do Sul está em 28%, segundo dados do Cepea. **Redução que está diretamente relacionada à ampliação da oferta interna no estado,** que é o principal produtor e se recuperou das perdas sofridas nas enchentes de 2024.

O IBGE estima que a produção nacional deste ano deve ter crescimento de 12% em relação ao ano anterior, o que será suficiente para recomposição de estoques e da manutenção do abastecimento do varejo ao longo de 2025. Com isso, seu preço deve continuar mais baixo para o consumidor, reduzindo sua preocupação em relação a esse importante produto da cesta. No varejo, o preço do arroz ainda apresenta grandes diferenças em função de negociações com os principais fornecedores, mas, no geral, o IPCA registra uma queda de 4,00% em maio.

Ovos: Após as altas elevadas dos meses anteriores, os preços dos ovos de galinha estão voltando ao patamar de meados de 2023, com a queda no preço ao produtor na ordem de 10%. Em maio, os preços do item caíram 3,98% em relação ao mês anterior. Os efeitos da emergência de gripe aviária no Sul do país sobre a demanda ainda são incertos, mas poderão reduzi-los ainda mais. No varejo, o IBGE registrou queda de 4% no mês.

Leite longa vida: A queda do preço ocorreu por conta da estabilização da oferta abaixo do patamar de 2022. O crescimento das importações e o baixo preço internacional contribuíram para esse cenário, mas essa tendência de queda de preços é bastante restrita considerando a entrada da entressafra a partir deste mês.

● **Variações de preços**

Sem considerar o peso da cesta, analisando apenas as variações de preços de cada alimento observadas em maio frente a abril, destacam-se: maracujá (17,01%), morango (13,78%), batata-inglesa (10,34%), cebola (10,28%) e manga (7,79%).

Já em relação àqueles que apresentaram maiores quedas dos preços no mesmo período, destacam-se: peixe - peroá (-28,42%), tomate (-13,52%), laranja - lima (-10,68%), laranja - baía (-10,24%) e abobrinha (-9,10%).

● **Regional**

Em relação às Regiões Metropolitanas (RMs), Recife (0,81%), Belém (0,63%) e Fortaleza (0,50%) foram os locais com maiores altas na inflação de alimentos em maio. O aumento em Recife se deve, em grande parte, aos grupos tubérculos, raízes e legumes (6,70%); e Bebidas e infusões (2,81%).

Em Belém, o maior impacto veio do grupo farinhas, féculas e massas (2,59%), enquanto em Fortaleza foram as frutas que mais contribuíram para a variação, com 3,88%.

Por outro lado, São Paulo (0,01%), Rio de Janeiro (0,15%) e Curitiba (0,18%) apresentaram as menores variações no grupo de alimentos, ainda que positivas.

● **Inflação por faixa de renda**

O INPC mede a variação de preços para famílias com renda entre 1 e 5 salários mínimos, enquanto o IPCA se refere a um universo mais amplo, de até 40 salários. Essa distinção permite observar como a inflação afeta diferentes faixas de renda.

Em maio, os dois índices registraram variação semelhante, 0,35% para o INPC contra 0,26% para o IPCA. No entanto, ao observar apenas o grupo de alimentos, a inflação foi mais intensa para os mais pobres: o INPC registrou alta de 0,26% nesse grupo, enquanto o IPCA marcou 0,17%.

Ou seja, embora a inflação agregada tenha sido semelhante, os alimentos que têm maior peso no orçamento das famílias de baixa renda pressionaram mais esse grupo.

● **Preços dos alimentos saudáveis**

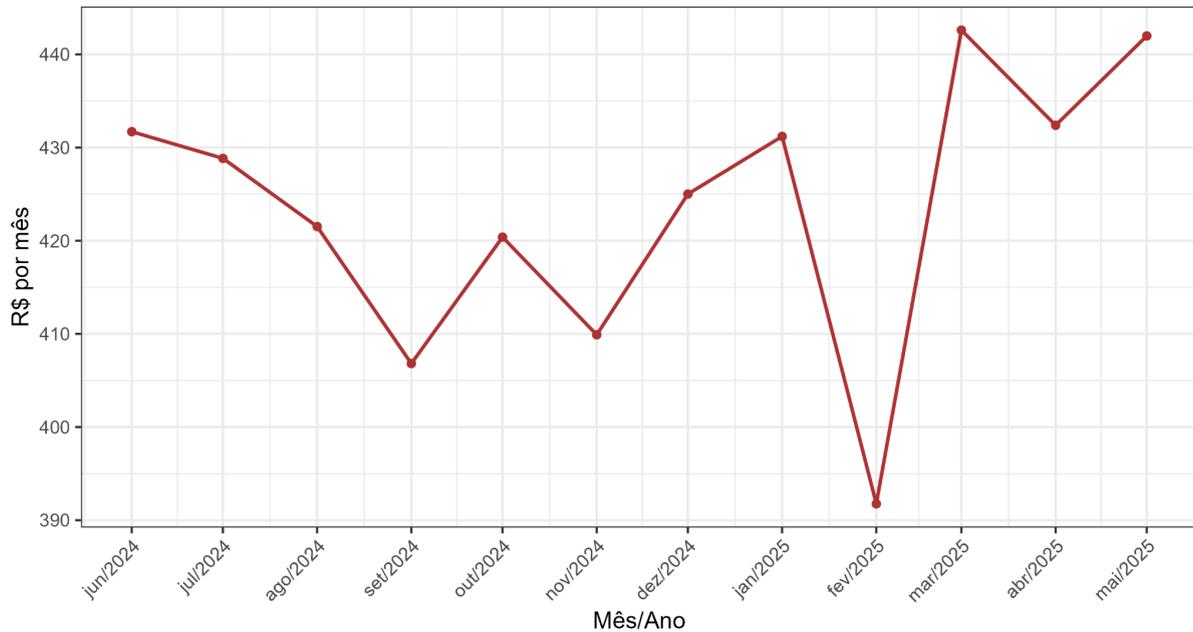
Na edição passada, o Pacto Contra a Fome passou a acompanhar o custo da cesta NEBIN (Núcleo de epidemiologia e biologia da nutrição) coordenada pelo professor Eliseu Verly Junior, composta principalmente por alimentos in natura e minimamente processados, que são a base de uma alimentação balanceada, culturalmente referenciada e promotora de um sistema alimentar mais sustentável. A proposta do NEBIN¹, construída por pesquisadores da UERJ, USP e UNIFESP, segue diretrizes do Guia Alimentar para a População Brasileira e da Comissão EAT-Lancet.

Nos gráficos a seguir, apresentamos o custo mensal da cesta NEBIN nos últimos 12 meses e em seguida a inflação por grau de processamento, aprofundando o debate sobre preço, acesso e qualidade da alimentação no Brasil.

¹ O projeto Cesta Básica de Alimentos Brasileira é composto pelos alimentos mais consumidos pelas famílias (POF 2017-2018, do IBGE). Estima quantidades médias de ingestão calórica em gramas para um adulto, ajustadas para cerca de 2000 kcal/dia. Seu custo é ajustado mensalmente com base no Índice Nacional de Preços ao Consumidor (INPC).

Cesta básica NEBIN – custo mensal por pessoa (Brasil)

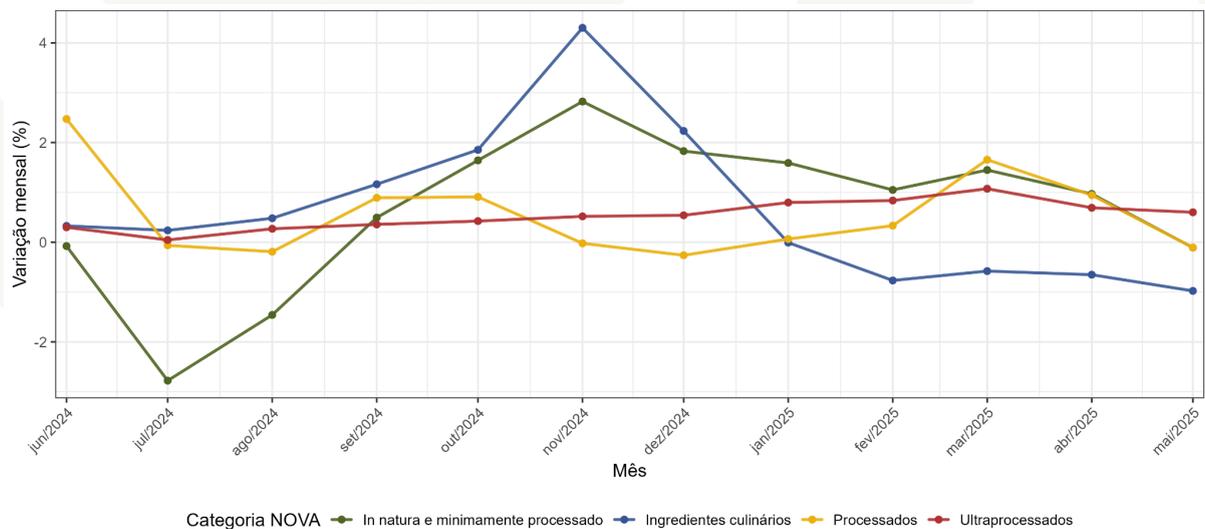
Período: jun/2024 a mai/2025



Em maio de 2025, o custo da cesta NEBIN alcançou R\$441 por pessoa, o maior valor dos últimos 12 meses e semelhante ao valor de março.

IPCA - inflação mensal por classificação NOVA

Média ponderada pelos pesos mensais de cada subitem



Todas as categorias da classificação NOVA apresentaram uma desaceleração no mês, menos os alimentos ultraprocessados, único grupo com inflação mensal positiva: 0,60%. Entretanto, no acumulado dos últimos 12 meses, os ultraprocessados variaram 6,44% – inferior aos demais grupos.

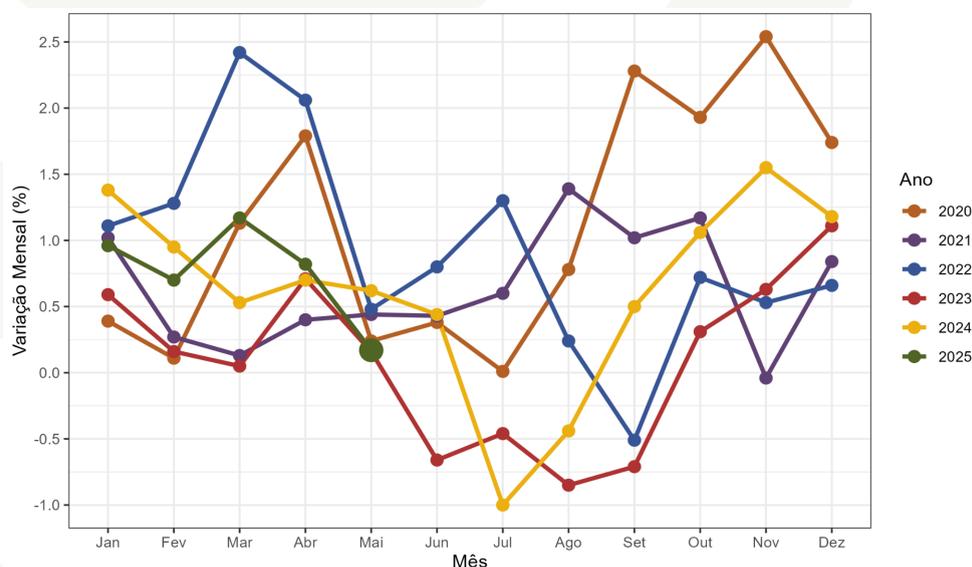
Os alimentos processados, in natura e minimamente processados apresentaram uma variação de -0,10%, mas a variação dos in natura e minimamente processados nos 12 meses acumulados foi de 7,41% – superior aos demais grupos.

Por fim, os ingredientes culinários registraram variação negativa pelo quarto mês consecutivo: -0,97% em maio.

Classificação NOVA		
In natura e Minimamente processados	Frutas, legumes, cereais, ovos, pescados e carnes frescas	0,10% variação (maio)
Ingredientes Culinários	Ingredientes culinários utilizados no preparo de alimentos, como óleo vegetal, açúcar, gorduras e sal	-0,97% variação (maio)
Processados	Pães, queijos e conservas	-0,10% variação (maio)
Ultraprocessados	Refrigerantes, biscoitos, salgadinhos, embutidos e outros produtos com alto teor de açúcar, sódio e aditivos	0,60% variação (maio)

Considerações finais

Variação mensal do preço de Alimentos e Bebidas (IPCA) por mês e ano (%)

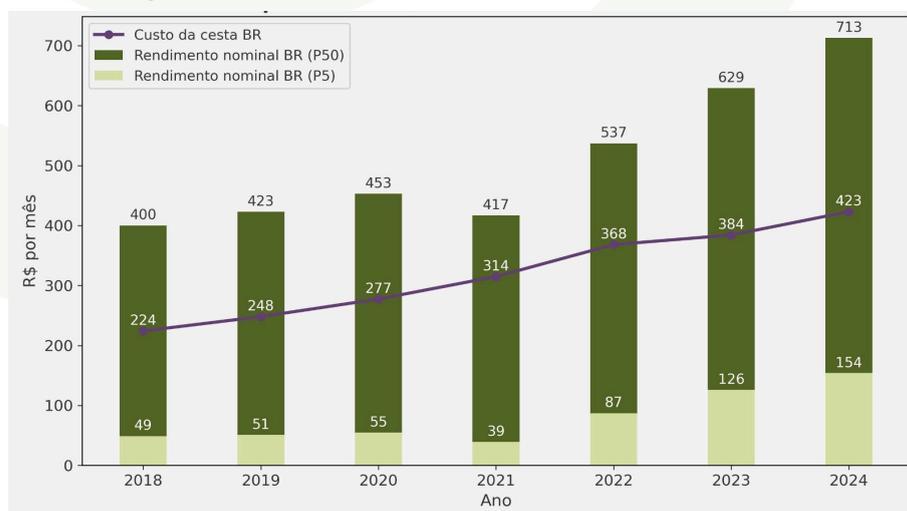


O mês de maio de 2025 registrou a menor variação mensal no preço de alimentos e bebidas desde o início do ano, com alta de apenas 0,17% no IPCA. **Esse comportamento condiz com a sazonalidade histórica para o período**, especialmente quando comparado aos anos anteriores. A convergência para uma inflação mais baixa em 2025, portanto, **revela uma conjuntura de estabilidade relativa nos preços dos alimentos ao consumidor**.

Contudo, **essa redução da inflação corrente não significa, necessariamente, melhora no acesso à alimentação**. A análise da cesta NEBIN mostra que, em maio de 2025, esse valor chegou a R\$441 por pessoa, o maior patamar nominal dos últimos 12 meses. Apesar das oscilações mensais (incluindo uma queda abrupta em fevereiro de 2025), a trajetória do valor dessa cesta é de recuperação e avanço no custo, impulsionada por variações nos preços de frutas, hortaliças e proteínas, com forte influência dos fatores climáticos e de oferta regional, como pode ser observado no próximo gráfico.

No boletim anterior, realizamos um exercício de comparação entre os dados do suplemento de rendimento da PNAD Contínua e o custo da cesta NEBIN, utilizando a mesma lógica do IPCA em que se estima o comprometimento médio da renda com alimentação (21,95%). A partir disso, estimamos que **70,6% da população brasileira não teria renda suficiente para acessar a cesta NEBIN**, ou seja, essa parcela não conseguiria arcar com os custos de uma alimentação adequada. No entanto, esse dado médio mascara as desigualdades na base da distribuição de renda, por isso, revisitamos o exercício com os rendimentos domiciliares de todas as fontes, utilizando o mesmo suplemento da PNAD Contínua.

Comparativo entre rendimento e custo da cesta NEBIN

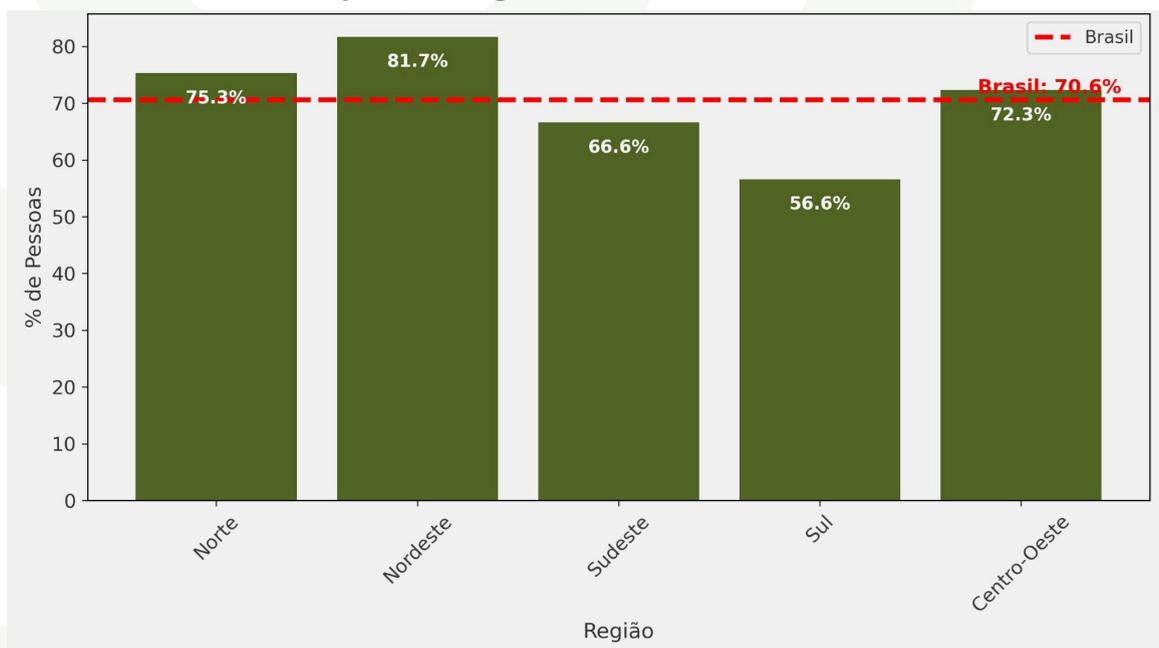


Os 5% mais pobres da população (sinalizados no gráfico como P5) tiveram rendimento per capita de R\$154,00 mensais em 2024. Apesar de representar um avanço expressivo em relação a 2018, quando a renda desse grupo era de apenas R\$49, **o crescimento de 218% no período ainda é insuficiente para permitir acesso pleno à alimentação adequada**, afinal, essa cesta custa R\$441. Estima-se que esse grupo representa cerca de 10,8 milhões de pessoas no país.

Já para os 50% mais pobres (sinalizados no gráfico como P50), a renda média em 2024 foi de R\$713 mensais, valor acima do custo da cesta NEBIN. Esse grupo concentra aproximadamente 108,5 milhões de pessoas e, embora tenha apresentado crescimento nominal da renda em relação a anos anteriores, o avanço foi menor que o verificado no custo da alimentação adequada. Em 2018, por exemplo, a renda do P50 era de R\$400 e a cesta NEBIN custava R\$224, comprometendo 56% da renda. Já em 2024, o custo da cesta (R\$423) passou a ser 59% de sua renda, evidenciando empobrecimento relativo frente ao custo alimentar.

Esses dados mostram que, apesar do aumento nominal da sua renda, **adequar o poder de compra de alimentos dos grupos mais pobres é urgente**. A elevação de benefícios sociais como o Bolsa Família tem tido papel fundamental na recomposição parcial dessa renda, mas não foi suficiente para eliminar o hiato entre os rendimentos e o custo da alimentação adequada.

Comparativo regional com a média do Brasil





Em uma perspectiva regional, as disparidades são ainda mais expressivas. Enquanto a média nacional já indica uma exclusão alimentar elevada, nas regiões Nordeste e Norte os percentuais sobem para 81,7% e 75,3%, respectivamente.

Cerca de três em cada quatro pessoas nessas regiões estariam excluídas, do ponto de vista monetário, de um padrão alimentar minimamente adequado.

Isso significa que, em grande parte do território nacional, a maioria da população não dispõe de recursos suficientes para acessar a cesta NEBIN e arcar com outras despesas.

No Sul e Sudeste, os percentuais são menores: 56,6% e 66,6%, respectivamente. Este é um reflexo de uma maior renda per capita e de um custo proporcionalmente menor da cesta em relação à renda local, entretanto, mesmo nessas regiões, mais da metade da população enfrenta barreiras econômicas para garantir o acesso integral à alimentação adequada junto a outras despesas.

Essa assimetria regional reforça o diagnóstico de que o problema da insegurança alimentar no Brasil não é apenas resultado de choques inflacionários, mas decorre da combinação persistente entre baixa renda, desigualdade territorial e restrições estruturais no acesso a alimentos saudáveis.

Encerramos este boletim com a constatação de que a fome no Brasil é, cada vez mais, uma expressão direta de desigualdades socioeconômicas e pobreza. Não se trata apenas de produzir alimentos em quantidade suficiente, mas de garantir que eles sejam acessíveis à população.



Ficha técnica

Andréia Adami

Consultora do Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada/ESALQ/USP

Bárbara Marra

Analista de Comunicação

Caio Sousa

Analista de Inteligência Estratégica

Eliseu Verly Junior

Coordenador vinculado ao Núcleo de Epidemiologia e Biologia da Nutrição, Departamento de Epidemiologia, Instituto de Medicina Social, Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Felipe Amorim Pereira

Consultor

Luan Paciencia

Consultor

Sulamita Santana

Coordenadora de Inteligência Estratégica

Walter Belik

Consultor Instituto Fome Zero